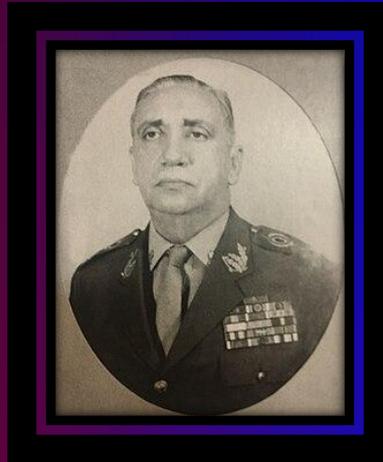


**POSSE NA AHIMTB EM 1996 NA AEDB DO SAUDOSO  
GENERAL CARLOS DE MEIRA MATTOS, NA CADEIRA  
19 MARECHAL JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE  
MORAES**



**General Carlos de Meira Mattos**



**LIVRO DIGITAL**

**Capa por Camila Renê sob a orientação do autor, contendo ao fundo as cores do Exército Brasileiro e nas margens a cor azul turquesa, da Arma de Engenharia, que o autor integra desde 1953 na AMAN.**

**ORAÇÃO DE SAUDAÇÃO NA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR  
TERRESTRE DO BRASIL DO ACADEMICO GEN. CARLOS DE MEIRA  
MATTOS NA CADEIRA N° 19 POR LUIZ PAULO BOMFIM - PRESIDENTE  
(ANVFEB)**



**LUIZ PAULO BOMFIM**

Apresentação feita em 08-06-1996, na posse do Gen. CARLOS DE MEIRA MATTOS, como primeiro Acadêmico ocupante da cadeira cujo patrono à o Marechal JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES, na ACADÊMIA DE HISTÓRIA MILITAR em Resende-RJ.

Existe um escritor e historiador Sul-Africano STUART CLOETE, que deu um dos melhores relatos da guerra do Zulus, nos 90 anos até 1888, entrelaçando-o com a vida de um elefante. Mais surpreendente que esta relação com o animal é que os Zulus chegaram a ter mais de 100 mil homens em armas e impuseram uma das maiores derrotas ao exército imperial inglês em Isandhlwana.

Ao falar sobre o elefante, STUART CLOETE, diz que se pode discorrer sobre todos os dados físicos e fisiológicos de um animal e, até apresentar a equação matemática da curva de suas presas e muito pouco será dito de sua vida.

Podemos alinhar todas as datas, postos, comandos e mesmo as ações de um chefe militar e também muito pouco oferecer para que se conheça a sua vida.

Apresentar a vida do Gen. CARLOS DE MEIRA MATTOS na sucessão de datas, dos postos militares e dos comandos exercidos, dos trabalhos realizados tanto no âmbito militar não dará todo o significado do que foi a sua vida.

Ter nascido em 1913 lhe permite sair da Escola Militar de Realengo em 1936 e servir como Tenente e como Capitão com o então, Gen. JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES e esta sucessão de fatos o leva a FEB na Itália, já tendo participado de sua organização no Brasil.

A FEB, como uma Divisão de Infantaria nos moldes do Exército Norte-Americano dentro do qual se incorporava, compreendia 25 mil e tantos brasileiros e o Gen. CARLOS DE MEIRA MATTOS estava em condições de apreciar o que representava este fato e de fazer uma tomada de consciência de qual era a posição do Brasil.

O fato primordial não era tão somente os dados quantitativos que exprimia a posição sócio-econômico do Brasil mas a pouca ou nenhuma participação do Brasil até então no mundo, e vem a Segunda Guerra Mundial e mostra que o Brasil tinha em suas mãos o controle do Atlântico Sul e todo o acesso que este garantia a uma enorme porção do globo.

Como Capitão e em função próxima a do Comando na Itália, pôde apreciar a lógica fria mas inegável de que a guerra tem que ser lutada no território do inimigo.

A guerra moderna é por demais destrutiva para que nós possamos dar a veiledade de permitir que ela venha a ser lutada dentro do nosso território.

No comando de uma missão de paz na República Dominicana tem a oportunidade de verificar como o mundo se tornara um único mundo e sua vida profissional militar tendo de pensar no Brasil dentro do mundo. E sua participação é constante em conferências e seminários em toda a América do Norte e do Sul.

Os postos militares exigem um condicionamento físico que impõe faixas etárias regidas e sua carreira militar tem um final em função da cronologia de seu corpo em 1977. Atingia os 64 anos, mas a sua capacidade mental e física ainda era plena e contínua o ciclo de participação em reuniões, conferências e seminários no Brasil e no exterior.

Como prova maior desta capacidade, em 11 de março de 1993, fez a defesa de sua tese de Doutor em Ciências Políticas, na Universidade Mackenzie, onde ainda hoje leciona, perante uma banca presidida por GILBERTO FREYRE.

O Gen. MEIRA MATTOS torna-se ao longo de uma profícua atividade de historiador, membros dos principais institutos de História e de História Militar vindo hoje a ocupar a cadeira que tem como patrono o Marechal JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES, nesta nascente Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Ao falar do Gen. CARLOS DE MEIRA MATTOS como Historiador, tenho, embora me doa, como seu apresentador nesta Academia de História Militar, reconhecer que este militar esteve sempre mais dedicado a participar da história do que escrevê-la ou estudá-la.

Como todo cabo de guerra que pretende as funções de Oficial-General sabia que precisava conhecer a história para poder agir na amplitude que suas ações requeriam Mas o Gen. MEIRA MATTOS foi obrigado a ir adiante e é chamado em função de sua capacidade administrativa para Vice-Presidência da Montreal Empreendimentos S/A e completava desta forma a ambiência da sua carreira.

Começamos então a ver a motivação premente que levou o Gen. MEIRA MATTOS a escrever sobre história e a necessidade de transmitir o que viu, o que aprendeu e o que ajudou a realizar para uso das gerações que virão e, na maioria das vezes, se prende às questões de segurança internacional em especial das Américas.

Este apresentador é contemporâneo do Gen. MEIRA MATTOS, nas décadas de vida que ambos acumulamos a diferença inferior a uma década não mais é significativa, e a sua carreira inteiramente na vida civil, salvo o período em que também participou da Força Expedicionária Brasileira, e o tempo que dedicou ao estudo da História Militar, em especial da correlação da História Militar com a História do desenvolvimento tecnológico e permitem uma visão bem nítida da função que o Gen. MEIRA MATTOS cumpriu na vida do Brasil nestes 3/4 de século.

O Gen. CARLOS DE MEIRA MATTOS fez sua vida num Exército Brasileiro que teve que despertar para uma realidade que no mínimo era amedrontadora não podia deixar de participar de ações de guerra, já que

mesmo as missões de paz teriam que se apoiar no poderio bélico das forças que a constituíam, e estar preparada para estas funções.

O Gen. MEIRA.MATTOS também viu que o Exército, como as demais Forças Armadas, eram a projeção com capacidade bélica do poderio econômico e industrial do País, como é o mais importante do seu potencial humano.

O Gen. MEIRA MATTOS viu que existia uma imensa missão a cumprir para que o Brasil, a quem servia e ainda serve, pudesse cumprir as funções que lhe cabem no cenário mundial. E sendo um homem de tendência para realizador dedicou-se à concretização do que era e é preciso fazer.

Mas, nesta nascente Academia de História Militar, egoisticamente mas olhando o futuro, desejamos de todo o coração de o Gen. CARLOS DE MEIRA MATTOS se permita dedicar mais tempo à História Militar.

(A Bibliografia do Gen. Meira Mattos está anexa a seu dossiê de posse. E nela revela a biografia que fez o Mal. Mascarenhas de Moraes).

### **ORAÇÃO DE ELOGIO AO SEU PATRONO DE CADEIRA Nº 19 MAL. MASCARENHAS DE MORAES PELO ACADÊMICO GEN. CARLOS DE MEIRA MATTOS**

Marechal Mascarenhas de Moraes nasceu a 13 de novembro de 1883.

Faleceu a 11 de setembro de 1968, com 85 anos de idade, depois de ter servido ao Exército, excepcionalmente por 69 anos Isto porque, após ter pedido transferência para a reserva em 1945. com 47 anos de serviços prestados, no ano seguinte, 1946, a Assembléia Constituinte, nas disposições transitórias da Constituição promulgada, concedeu-lhe "Honras de Marechal". Em 12 de outubro de 1951, o Congresso Nacional aprovou a lei - investindo-o no posto de marechal, revertendo-o ao serviço ativo para nele permanecer enquanto vivo. Assim, após ter sido transferido para a reserva, com 47 anos de serviços prestados, o Poder Legislativo, através de dois atos sucessivos, prorrogou sua presença no cenário e na atividade militar, por mais 22 anos.

#### **Vamos ao perfil do nosso patrono.**

Começamos pela imagem do menino João Baptista, filho de Lafayette Apolinário de Moraes e D. Manuela Mascarenhas de Moraes, brincando nas ruas de São Gabriel e sentindo os primeiros lampejos de entusiasmo pela farda, ao assistir o desfile marcial, ao som de clarins, do famoso 12<sup>a</sup> Regimento de Artilharia a Cavalos. Isto tudo lá pelos idos de 1890.

Filho de comerciante e não herdando da raiz materna, também, uma linhagem de militares, a vocação castrense despertou na sua alma por inclinação natural.

Nos primeiros arroubos da juventude, seu coração se enterneceu pela jovem, Adda, Alha do coronel Belo Augusto Brandão, comandante do 12<sup>o</sup> Regimento de Artilharia de Campanha, antigo "boi de botas", sediado na sua terra natal, com quem veio a se casar, já primeiro-tenente, após longo afastamento, embrenhado na selva amazônica, a serviço da Comissão Demarcadora de Limites. A distância e o tempo não influíram na constância de seus sentimentos pela moça escolhida.

Dos oficiais-generais do Exército ativo, nenhum, como o ex-comandante da FEB. viveu, com tanta dignidade, tantos episódios. Sua vida militar ativa estendeu-se, - praticamente, por quase 70 anos.

Na Escola Preparatória e de Tática de Rio Pardo (1899 e 1901) e no velho quartel da Praia Vermelha (1902 e 1905) assistiu, o jovem gabrielense, a vários movimentos político-militares que agitaram o país na primeira década do século. Viu os seus companheiros revoltarem-se contra a lei da vacina obrigatória, em 1904, inspirados em princípios e influências positivistas. Presenciou, também, os últimos reflexos das perturbações que sacudiram a vida política do país nessa jornada difícil da consolidação da República.

As agitações da época não abalaram a vida estudantil do aluno Mascarenhas de Moraes, que distinguiu-se entre os melhores de sua turma, alcançando a distinção de alferes-aluno. O bom estudante, aliás, foi uma constante na sua vida: Três Bien, na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e, mais tarde, na Escola de Estado-Maior do Exército.

Mas, voltando ao moço-aluno, observamos que nesse período conturbado em que viveu na Praia Vermelha formou-se a sua mentalidade, brotaram as convicções que haveriam de modelar, ao longo dos anos, o seu comportamento diante das crises político-militares. O seu espírito, face ao entrechoque constante entre as razões ardorosas de uma juventude militar idealista, mas irrequieta e inconformada, e as razões da necessidade de ordem e estabilidade institucional, pendeu para estas. Fez a sua opção - pela preservação da ordem legal - já nos verdes anos da juventude e manteve essa opção como um traço marcante de sua personalidade militar durante toda a existência. Com essa posição legalista, cruzou as décadas de 20, 30, 40 e 50.

Em relação ao episódio de 1964, que deu a ele seu apoio entusiástico ao Movimento de 31 de março, posição que poderia, aos menos avisados, ser interpretada como um abandono da linha de legalidade. Nós que bem o conhecemos, através de um convívio estreito de muitos anos, sabemos que esta interpretação não é verdadeira. Em 31 de março de 1964, as Forças Armadas encontraram-se diante de um governo em completo estado de decomposição, incapaz de continuar o exercício do poder com um mínimo de autoridade e passaram, por isso, a representar a sobrevivência da autoridade legal remanescente. À base dessa autoridade legal remanescente restaurou, sem maior convulsão social, a ordem institucional. Assim, adesão de nosso Marechal da FEB a esse movimento, representou, a nosso ver, sob o prisma de seu próprio juízo, mais uma confirmação de sua posição de fidelidade à ordem legal. (vide a famosa mensagem do Gen. Castelo Branco, então chefe do EME de (20/3/63.)

Seria difícil resumir-se, num prefácio, todos os acontecimentos importantes da grande e dignificante caminhada do Marechal Mascarenhas de Moraes pelos Itinerários de sua profissão. Mas dois períodos merecem um enfoque especial: Em primeiro lugar, a sua permanência por cinco anos na Comissão de Limites, inicialmente um ano em Mato Grosso e depois quatro anos na Amazônia Ocidental, onde teve oportunidade de participar da demarcação da extensa região do Acre e Madeira, na faixa fronteira com a Bolívia Amazônica; em segundo lugar, a sua atuação por ocasião da 2ª Guerra Mundial, de início no Brasil, na qualidade de comandante da 7ª Região Militar, em Recife, e, após, no comando da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

A sua passagem pela Comissão de Limites representou, talvez, a fase estóica de sua vida. A FEB foi a época.

Na primeira, durante cinco prolongados anos, ao lado das canseiras, do desconforto, dos mosquitos, das febres, das expedições itinerantes por rios e

florestas desconhecidas, teve a larga oportunidade de, nas insônias das noites sem fim, meditar sobre o Brasil, aquele Brasil imenso, cheio de problemas e incertezas, vacilante diante de um futuro que queria ver grande quanto o seu território. Enquanto mais fazer não pudesse, ali estava ele em terras ínvias, colocando os marcos de nossa soberania física.

O homem que em 1915 regressou de sua missão na selva amazônica não era mais o jovem tenente que nela penetrara em 1910. Trazia o espírito amadurecido pela reflexão e o corpo enrijecido pelo hábito do sacrifício. Daí, então, começa a projetar-se o chefe. É o 2º tenente experimentado e sofrido (5 anos nas selvas amazônicas), que volta à tropa e destaca-se pela exatidão no cumprimento do dever. E o capitão que se distingue na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; é o major que marca a sua passagem pelos corpos de tropa com um traço de eficiência, é o tenente-coronel e coronel no comando de várias unidades de Artilharia e finalmente exercendo comando de general na Escola Militar de Realengo.

Na nossa escola de formação de oficiais de Realengo, mais uma vez foram postas em prova suas excelsas qualidades de comandante. Enfrentou, ali, dificuldades sérias - problemas disciplinares que haviam resultado na substituição de três coronéis comandantes em menos de 2 anos, - os reflexos da Intentona Comunista, de 1935, que teve irradiação na escola, a situação administrativa precária que foi preciso corrigir. Todos esses problemas não impediram que tivesse uma constante preocupação com a formação moral e profissional do aluno. Reformou completamente e modernizou a biblioteca escolar, revelando seus cuidados com a Cultura. Deixou o comando depois de 2 anos tendo granjeado a admiração e o respeito dos oficiais e cadetes. Introduziu bibliotecas nos cursos.

Ainda como coronel graduou-se entre os primeiros no curso de revisão da Escola de Estado-Maior do Exército. Esse rol de funções desempenhadas de 1º tenente a coronel não representou um simples trespassar de cargos, mas a afirmação gradual de uma personalidade de chefe, de chefe com marcas muito nítidas entre as quais se destacavam a dignidade e a eficiência por onde passou. Deixou esses sinais indelévels e irradiou admiração e respeito. Quando coronel já era um general em indeclinável perspectiva. Sua distinguida figura de profissional das armas projetava-se, então, por todo o Exército. Ainda coronel é nomeado comandante da 9ª RM, Mato Grosso, onde é alcançado pela promoção a General.

Os bordados do generalato deram continuidade à formação do grande chefe que havia de encontrar a sua realização máxima no comando da FEB.

Com a eclosão da 2ª Guerra Mundial e a posição do Brasil ao lado das democracias do Ocidente, começa o perigo bélico a rondar o litoral brasileiro, principalmente no Saliente Nordeste. As atenções das autoridades brasileiras voltam-se para o Nordeste, transformado em área estratégica da maior importância. Era mister mobilizar aquela área e prepará-la para a eventualidade de um ataque nazi-fascista, partindo da costa africana dominada pelos "Boches". É aí, como comandante da 7ª Região militar, que o general Mascarenhas de Moraes se inicia nos serviços de guerra que iriam terminar nas glórias da FEB.

No seu Quartel-General de Recife, nos anos críticos de 1940, 1941 e 1942, o general Mascarenhas de Moraes dá provas de incansável atividade, mobilizando o território de sua jurisdição para o conflito iminente. O Nordeste,

sob a sua ação de comando enérgica e dinâmica, transforma-se, entrando em pé de guerra. O efetivo militar sob seu comando eleva-se de 6.000 para 50.000 homens. Novos quartéis, novos depósitos e novas unidades surgem a cada passo. Há uma atividade militar febricitante por toda parte, e que se estende até o arquipélago de Fernando de Noronha, ao mesmo tempo em que os submarinos alemães ceifam vidas brasileiras, torpedeando pacíficos barcos mercantes nas imediações da costa. Sua ação de comando é sentida em qualquer ponto do território regional e inspira confiança e dinamismo.

Sobre a atuação do comandante da 7ª Região militar, nessa fase de preparação bélica, assim se referiu o presidente Roosevelt, ao conferir-lhe a condecoração da Ordem da Legião do Mérito da República Norte-Americana:

**"Como resultado da sua previsão, excelente critério, iniciativa, habilidade para organização, faculdade inventiva e superior direção, o general Mascarenhas de Moraes contribuiu de uma maneira inestimável para a prossecução do esforço de guerra no Nordeste do Brasil".**

Iniciara ali o futuro comandante da FEB, em grande estilo, a sua ajustagem a um sistema de comando interaliado e às complexidades de uma estratégia comum. Revelava autoridade e tato ao coordenar a Cooperação Militar entre o Brasil e os Estados Unidos, numa das bases de sustentação da importante "Ponte Estratégica" sobre o Atlântico.

Transferido para o comando da 2ª RM, em S. Paulo, ali tem a oportunidade, entre outras medidas, de estimular a organização da Defesa Civil visando preparar o grande centro industrial paulista para enfrentar a eventualidade de um ataque aéreo. Após uma passagem de onze meses em S. Paulo, é guindado para o comando da Força Expedicionária Brasileira, em fase de criação. Transfere-se para o Rio, organiza seu Estado-Maior e passa a trabalhar incansavelmente para organizar, equipar e instruir a sua força, enquanto isto, viaja ao Teatro de Operações Africano e Europeu, para os primeiros contatos com chefes militares aliados, com as possíveis missões de nossas forças e com o ambiente da guerra.

Mascarenhas de Moraes conviveu com a constelação dos grandes chefes aliados da 2ª Guerra Mundial. Sua dupla condição de representante do Brasil e de comandante da FEB o projetou acima e além de sua posição de comandante de uma Divisão de Infantaria. Tornou-se conhecido e foi respeitado pelos mais altos chefes das forças aliadas. Teve contatos e reuniões de serviço com os generais Eisenhower, o Supremo Comando, Sir Alexander Mark Clark, Sir Leese, Truscott, que enfeixaram em suas mãos as mais altas responsabilidades de comando no Teatro do Mediterrâneo. No nível operacional e tático, tornou-se grande amigo do general Crittenger, comandante do IV corpo de Exército e seu chefe imediato.

Seria repetir contar-se aqui o que foi o roteiro glorioso da FEB, seu embarque por escalões, sua chegada a Itália, seu adestramento, suas primeiras missões no Vale do Serchio, os primeiros reveses, e a sucessão de vitórias em Monte Castelo, Castelnuovo, Montese, Collecchio e Fornovo.

Viveu o comandante da FEB momentos difíceis de decisão, mas nunca lhe faltou inspiração nem a coragem de assumir a responsabilidade plena pelos seus atos. De suas memórias destaco duas entre suas inúmeras decisões, que se incluem entre as de maior repercussão no resultado das operações.

Primeiro, quando, percebendo a chegada do momento de iniciar-se a perseguição das tropas alemãs, em início de retirada, sentimos a falta de

mobilidade de nossas unidades. Tomou então, com uma percepção exata de oportunidade, a deliberação de empregar os caminhões de tração de Artilharia no transporte de nossa-Infantaria. Graças a essa inspirada providência, nossas vanguardas surpreenderam as unidades alemãs em flagrante delito de retirada, bloqueando lhes os caminhos para o cruzamento do Rio Pó, obtendo a rendição de cerca de 15.000 homens, tendo à frente o general alemão Fretter Pico, na região de Fornovo.

Segundo, quando, em face dos insucessos de novembro a dezembro diante de Monte Castelo, assumiu a responsabilidade, após profunda e pesada reflexão, de mudar completamente o seu estilo de comando, abandonando o clássico, pelo personalista. Em tese, em teoria, poderia ser este um processo condenável, mas é preciso lembrar-se que não estávamos no ambiente abstrato de uma escola, porém na vivência dura e real de uma guerra. Tratava-se de ser-se objetivo e de operar com oficiais capazes de "transformar reveses em vitórias". Era preciso coragem moral para reconhecer onde estava falhando a engrenagem do comando e para impor as correções, doesse a quem doesse.

Esta coragem não lhe faltou e vale a pena, aqui, deixar que ele proprio fale:

**“Resolvi também fazer uma radical alteração no meu estilo de comando: Assumi, direta e pessoalmente, a direção de todas as operações de combate, não mais admitindo delegação a comando intermediário. Passei a manter ao meu lado o chefe da Seção de Operações, com ele tratando diretamente dos assuntos referentes à sua seção e estimulando sua ligação, também direta, com o chefe da Seção de Operações do IV Corpo de Exército. Confiando na ação corajosa do tenente-coronel Castelo Branco, chefe da Seção de Operações, recebi dele todo o apoio no desenrolar dos acontecimentos subsequentes. Desse modo, presidi o preparo e realização de todas as operações de combate que, daí por diante, foram desencadeadas com os maiores sucessos.**

A FEB somente passou a resplandecer no cenário da guerra quando em minhas mãos centralizei o comando periclitante de nossa Divisão Expedicionária. Só permite descentralização quando a natureza das operações e o terreno a impuseram”.

**Diz o gen. Vernon Walters, - Anotações -**

**"O Marechal Mascarenhas de Moraes foi uma figura notável de soldado, homem de vastos conhecimentos e de uma dignidade de comportamento e de integridade moral sem par. Ele era inquebrantável nos momentos difíceis, inabalável na luta e modesto na vitória".**

Hoje ninguém pode contestar os méritos do comandante da FEB. Mesmo porque, como bem disse Clausewitz: "a vitória é uma consagração indiscutível" E a FEB foi uma vitória completa, cabal, sob qualquer ângulo que se a examine.

Dissemos antes que a FEB foi a fase épica de nosso grande marechal. Mais do que isto, foi a fase épica do Exército Brasileiro, que após a campanha do Paraguai, terminada em 1870, pela primeira vez voltou a se realizar como instrumento de guerra, já agora não mais no Continente, mas num dos teatros mais difíceis do conflito mundial de 1939/1945.

A volta da campanha da Itália teve o seu capítulo clássico de invejas e ostracismo. O general Mascarenhas de Moraes sentiu a insidia e o despeito minarem-lhe as oportunidades. Não tinha porque suportar a campanha soez e disfarçada daqueles que queriam diminuir-lhe a projeção - já era um Herói Nacional consagrado! Teve grandeza para, voluntariamente, retirar-se do cenário. Silenciosamente, como era de seu feitio, pediu transferência para a Reserva. Nessa situação se encontrava, quando, surpreendido por ato do Congresso Nacional, de 1951, viu se reintegrado ao serviço ativo enquanto vivo fosse e ascendido ao posto de marechal. Era o reconhecimento da pátria agradecida aquele que tanto a honrara nos campos de batalha da Europa.

De novo na atividade, o Marechal Mascarenhas de Moraes exerceu os altos cargos de Inspetor-Geral do Exército e chefe do Estado-Maior das forças armadas, funções que dinamizou com o seu enorme prestígio e inigualável experiência. Mas a preocupação última de sua carreira, conforme ele mesmo não se cansava de dizer, era a da construção do monumento aos mortos da 2ª Guerra Mundial e a transladação dos restos mortais de nossos pracinhas para o Brasil. Essa sublime aspiração pode ele transformar em estupenda realidade e hoje, no majestoso monumento, descansam os nossos heróis do exército, da Marinha e da Aeronáutica, tombados na 2ª Guerra Mundial, todos reunidos novamente no Brasil.

Deixou-nos dois livros: "A FEB pelo seu comandante" e "Memórias" de leitura indispensável para os que se interessam pela história do Exército e da Campanha da Itália.

Seria incompleto qualquer estudo sobre a personalidade do nosso marechal, se não caracterizasse a essência de seu prestígio como chefe. Ele não era nem nunca foi o líder carismático capaz de despertar emoções e entusiasmos irracionais. Foi sempre o chefe esclarecido e firme, cujo comando se baseou na competência, na dignidade e no exemplo. Sua vida militar, de cadete a marechal, cintila, sobretudo, como um exemplo às gerações presentes e pósteras de jovens oficiais. O traço de dignidade inseparável de sua pessoa. Soube ser digno nos reveses e na glória. Sobretudo soube sofrer com insuperável dignidade os infortúnios com que o destino não o poupou. Foi digno em todas as horas de seu calendário.

Esta é a personalidade do maior chefe militar que o Exército produziu neste século!

Ps: O general Carlos de Meira Mattos foi o colaborador do Marechal na elaboração das obras citadas. AHIMTB.

## **PALAVRAS FINAIS**



**Veterano Cel Eng Cláudio Moreira Bento**  
**Historiador e pensador militar, Memorialista e Jornalista**

Tendo planejado e presidido todas as sessões solenes, abordadas no presente e histórico volume, nossas atenções voltavam-se com frequência para detalhes da direção e coordenação, não nos permitindo avaliar então a profundidade e o alto valor dos conceitos abordados nas orações de recepção de acadêmicos e elogios de seus patronos.

Com a solicitação do acadêmico vice-presidente CEL. ARIVALDO SILVEIRA FONTES, organizador da presente obra, para que revisasse todo o conjunto, o conferisse e tentasse padronizá-lo, ao máximo possível, tive a feliz oportunidade de ler atentamente todas as orações e delas colher e consolidar privilegiadas, pioneiras e muito preciosas lições de História Militar Terrestre do Brasil.

Por tudo julgamos que valeu a pena e já se justificou a criação e consolidação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Alimento a certeza de que todos quantos tiveram a oportunidade de ler e meditar nas lições que este volume contém, como uma autêntica ENCICLOPÉDIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL, concordarão conosco. E mais, que relevarão falhas, naturais num trabalho desta natureza, as quais serão compensadas pelo estratégico conteúdo.

A Academia, uma Organização não Governamental, cumpriu aqui uma sagrada e nobre missão cultural de resgatar, integrar as vidas, pensamentos e obras, muitas esparsas, senão esquecidas, de 39 historiadores militares terrestres do Brasil, entre os quais 3 civis - Barão do Rio Branco, Pedro Calmon e Arno Wheling, também dirigentes do sesquicentenário Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que demonstram irrefutavelmente que o desconhecimento da História Militar Terrestre do Brasil não é atitude sensata de parte de lideranças civis, em razão da imensa projeção que teve, tem e terá na construção, com segurança, da nação brasileira no concerto das nações. Confirmar é obra de simples raciocínio e verificação na leitura das obras desses grandes historiadores militares civis.

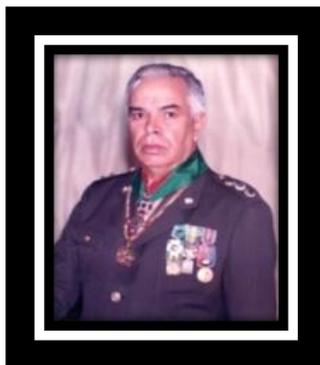
Além do resgate dos acadêmicos e patronos, aqui foi divulgada a projeção histórica de Duque de Caxias, Patrono da Academia, personagem pouco esquecida em sua real projeção e que merece uma biografia que atualize a mais conhecida, que data de 1942, do gen. Afonso de Carvalho. Foi divulgada, aqui, uma breve História da Academia, seus objetivos e públicos alvo preferenciais.

Espero que os militares terrestres brasileiros entendam, da mesma forma como os civis que possuem há mais de um século a sua Academia Brasileira de Letras, hoje uma realidade consagrada, ser necessário e mesmo vital uma Academia de História Militar Terrestre do Brasil, onde sejam tratados assuntos castrenses e dos meios estudantis das Forças Terrestres Brasileiras. Assuntos que representam uma parcela pequena e específica da Cultura Brasileira. Espero que os soldados terrestres brasileiros continuem ajudando a tornar nossa Academia uma realidade como o é hoje, a de Letras do Brasil.

A edição do livro foi confiada à equipe do SENAI/SESI-DF, sob a direção do seu Diretor/Superintendente JOVIANO PEREIRA DA NATIVIDADE NETO.

Itatiaia, 4 de outubro de 1998  
Cel. Cláudio Moreira Bento  
Acadêmico presidente

## CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO EM JANEIRO DE 2025



**Veterano Cel Eng Cláudio Moreira Bento**  
**Historiador e pensador militar, Memorialista e Jornalista**

(X) Coronel Cláudio Moreira Bento, Turma Asp Mega Eng AMAN 1955, nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Filho do Tabelião Conrado Ernani Bento e Cacilda Moreira Bento. Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, e do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na República Argentina. Integrou, como adjunto do Presidente, a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador, convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército - perfil militar de um povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980. Academia sobre a qual escreveu 6 livros sobre sua História, disponíveis para baixar em Livros e Plaquetas em História da AMAN no seu site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e no Google, além de diversos artigos, inclusive sobre o Espadim de Caxias, arma privativa dos cadetes. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1990, onde criou em sala especial o Arquivo da FEB. É autor de mais de 327 obras (Álbuns, livros e plaquetas), disponíveis para serem baixados em Livros e Plaquetas no seu site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no seu site. Publicou o livro **Marechal José Pessoa - seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu, como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, o qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1983. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas, bem como Comendador da Medalha Homens de Honra pela Academia Brasileira de Ciências, Artes, História e Literatura, além de diversas condecorações militares e civis. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves-RS, na construção

do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante, tendo recebido de seu comandante, como prêmio, para sua Companhia de Equipamento Mecânico uma caminhonete Rural Aero Willys, por haver sua companhia batido um record de 20 metros de perfuração semanal do Túnel 20, então considerado o maior da América do Sul, na bitola 4,90 de largura. Fundou e presidi a Academia Canguçuense, e fundou e presidiu a Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos históricos e geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petrópolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba e correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. É cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária e de igual modo de seu berço natal Canguçu-RS, da AMAN e do Exército. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre e nos NPORs de Pelotas, e Itajubá e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**, que foi lançada no ano de 2022, Bicentenário da Independência. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançou seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. O Cel Bento também possui livros de sua autoria na Biblioteca Mindlin, atual Biblioteca da USP - Universidade de São Paulo. Este ano de 2025 completará 93 anos de idade. Se Deus quiser!. Em seu site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br), em Livros e Plaquetas, em Cel Bento e no Google, pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar - não vivi em vão!** Toda a sua obra historiográfica e jornalística está disponível em seu site, criado e administrado por seu filho Veterano Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento. Obrigado a extinguir a FAHIMTB em 20 dez 2019, por falta de recursos para mantê-la por término de seu contrato por PTTC, criou independentes 5 AHIMTB, até então dependentes da FAHIMTB, com a finalidade de se manterem fiéis ao espírito da FAHIMTB, durante os seus 23 anos de profícua existência. Este ano, com apoio da Fundação Habitacional do Exército, publicará seu livro **Os 80 da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende**.

Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br). E-mail bento1931@gmail.com.

**Currículo cultural de Camila Karen Renê**



Camila Karen Costa Santos Renê. Nasceu em 13 de novembro de 2001, filha de Daniel Renê de Oliveira e da pedagoga Josiane Costa Santos Renê. E possui a irmã Gabriela. Estudou no Colégio Estadual Olavo Bilac de 2012 a 2019 onde cursou o ensino fundamental e o ensino médio.

Trabalhou como secretária do Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) de 30 de outubro de 2017 a 20 de dezembro de 2019 e, a partir desta data, como secretária particular do historiador Cel Cláudio Moreira Bento.

Cursa Direito na Associação Educacional D. Bosco (AEDB) desde Fevereiro de 2022.

Foi condecorada pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, como Cavaleiro do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, por sua destacada contribuição à História Militar Terrestre do Brasil e também como Colaboradora Emérita da extinta FAHIMTB.

Escreveu a **RELAÇÃO DE DIPLOMAS, MEDALHAS, TROFÉUS E ETC NO APARTAMENTO DO CEL BENTO EM RESENDE-RJ**, disponível no site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br)

#### **Camila segundo o Cel Bento:**

“Camila iniciou a trabalhar comigo aos 15 anos, em outubro de 2017, quando cursava o 1º ano do Curso Médio no Colégio Estadual Olavo Bilac. Trabalhou comigo na sede da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) que eu havia fundado em Resende-RJ em março de 1996, a qual foi logo acolhida pela Academia Militar das Agulhas Negras AMAN.

E convidei seus pais, por ser Camila menor, para ver onde ela trabalharia como menor aprendiz. Eu me responsabilizei por ela. Ela trabalhava 3 vezes por semana, à tarde, pois de manhã cursava o Curso Médio.

E Camila logo demonstrou grande vontade de aprender. Era muito aplicada, responsável e respeitosa. E logo passou a dominar o computador como hábil digitadora e digitalizadora. Não precisava mais que uma explicação. Ela captava logo e executava o solicitado e era muito estimada pelos funcionários da Biblioteca da AMAN que me apoiavam..

Em 20 de Dezembro 2019 com a extinção da FAHIMTB, por falta de recursos para a manter, em razão da extinção de meu contrato de Prestador de Tarefa para escrever e publicar a História do Exército e rompimento do apoio financeiro

que de longa data recebia da FHE–POUPEX, tive de fundar independente 5 AHIMTBs que até então eram subordinadas a FAHIMTB e na esperança que elas dessem continuidade ao trabalho da extinta FAHMTB.

E passei a trabalhar, ou melhor, me divertir continuando a escrever sobre a História do Exército por conta própria. Pois quem faz o que gosta e sabe fazer, não trabalha se diverte!

E contratei Camila para comigo trabalhar de acordo com as Leis Trabalhistas, para que ela pudesse patrocinar seus estudos de Direito na Faculdade de Direito da Fundação Educacional D. Bosco, na qual vem se destacando por suas boas notas.

Depois de 8 anos é muito expressiva a contribuição da Camila para o desenvolvimento da História do Exército Brasileiro em especial. Por agilizar a produção de meus livros e artigos sobre História Militar e os encaminhando ao meu filho, o Veterano Capitão de Mar e Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, que desde a fundação da FAHIMTB criou e administra meu site [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br). Desenvolvimento rápido de meus Livros e Plaquetas, graças aos seus notáveis conhecimentos de Informática, que aprendeu sem curso e por curiosidade e do uso do Celular, além de realizar meus serviços de administração. Tudo com elevada presteza e dedicação exemplares.

Camila Karen foi minha parceira e do Eng e Ten R2 Art Israel Blajberg no 1º Volume da História do **21º GAG Grupo Monte Bastione** e minha parceira no 2º Volume da **História de 21º GAC e seus ancestrais** com apoio em grande parte em pesquisa 21º GAC Grupo Monte Bastione e não publicada do saudoso Gen Ex Paulo Cesar de Castro, quando comandante do 21º GAC, mas que não tratou da **História do 21º GAC** atual que a realizamos bem como a de seu antecessor na FEB que foi feita pelo Eng e Ten R2 Art Israel Blajberg. E também fizemos o currículo cultural do General Paulo Sérgio, rico em informações culturais. Tarefa facilitada pela digitalização dos originais do General Paulo Sergio de Castro pelo parceiro Israel Blajberg.

Enfim, Camila tornou-se uma valiosa e prestimosa assessora deste historiador e jornalista. Desenvolveu uma boa capacidade e criatividade de fazer as capas de meus Livros e Plaquetas digitais e até estará sendo co-autora de alguns de meus livros digitais.

Esta é a jovem e dedicada Camila Karen que trabalha há 6 anos comigo e que a considero hoje uma espécie de bisneta do coração, pois até o momento não possuo bisnetos. Ela até respondeu todas as minhas perguntas sobre Informática e sobre o uso do Celular. Ela já construiu um belo nome, e votos de que ela continue a enriquecer o seu nome. Pois é muito importante em nossas vidas construir um belo e confiável nome.

A Camila tem sido também minha professora de Informática. Há 24 anos iniciei minha incursão em computação, ao receber de meu filho CMG Carlos Norberto seu velho computador. E hoje consigo digitar, mas me faltam alguns detalhes que a Camila me informa.”

